

# Receção do pensamento de António Sardinha nas revistas Brasileiras: *A Ordem, América Brasileira e Diário de Pernambuco.*

Susana Rocha Relvas

## Introdução

A receção e influência do Integralismo Lusitano no Brasil, iniciado na década de vinte, com a distribuição da revista *Nação Portuguesa* em terras de Vera Cruz, é protagonizada por uma plêiade de políticos e escritores brasileiros que divulgam o pensamento de António Sardinha na imprensa, intensificam o diálogo epistolar e intercambiam livros e revistas. São eles Gilberto Freire, Oliveira Lima, Jackson de Figueiredo e Elysio de Carvalho que nas páginas de *A Ordem, América Brasileira e Diário de Pernambuco*, serão unânimes na admiração pelo poeta, revisor da história nacional e criador de um sistema político e cultural hispânico que dará os seus frutos nas décadas seguintes. Por seu lado, são conhecidas da intelectualidade brasileira as páginas que Sardinha dedica ao Brasil, eivadas de comunhão espiritual e de meditada doutrina política e social, como o próprio defende: “O nosso rumo, o rumo verdadeiro da Península leva-nos à América” (SARDINHA,1943, pp.106-107). Se, no plano simbólico, o Brasil representa o melhor exemplo da vocação apostólica portuguesa, no plano doutrinário, o mestre integralista defende para as repúblicas latino-americanas um sistema presidencialista ao comando de Estados corporativos e autoritários, inspirado na monarquia orgânica.

Esta rede de contactos e conhecimentos alarga-se a outros interlocutores que serão peças chave na ponte transatlântica estabelecida com o núcleo integralista de Sardinha, como os portugueses Fidelino de Figueiredo, Carlos Lobo de Oliveira, Agostinho de Campos e Luís de Almeida Braga e os brasileiros Hamilton Nogueira, Cláudio Ganns, José Lins do Rego ou Félix Pacheco que, como colaboradores das revistas *A ordem, América Brasileira e Diário de Pernambuco*, afetas à doutrina tradicionalista, terão um papel de relevo na divulgação do pensamento de António Sardinha no Brasil.

Após a Primeira Guerra Mundial, e amenizadas as contendas políticas resultantes da mudança de regime verificada quer no Brasil, quer em Portugal, as relações luso-

brasileiras tomam um rumo inédito, no sentido de uma reaproximação e conhecimento mútuo que merecerá o apoio dos respetivos governos. Acresce a estes fatores, os de ordem social e cultural, tendo em conta o transito de estudantes, emigrantes e intelectuais que propicia uma dinâmica cultural resultante desse apaziguamento, que se reflete na profusão de movimentos literários que, entre a tradição e a modernidade, procuram um rejuvenescimento pátrio aquém e além-mar (SARAIVA, 1986). A cultura do “ressurgimento”, de cariz contrarrevolucionário, tem em vista, no entender de Artur Gaspar Viana, referindo-se ao programa de ação política antidemocrática emergente no Brasil, o derrube da política liberal (VIANA, 1926, ccxxxix). Esta mudança de paradigma na cena política nacional, de crescimento de uma oposição política nacionalista e conservadora que se vem fortalecendo no Brasil e em Portugal desde o início do século, fomenta o aparecimento de uma rede de sociabilidade transatlântica que se traduz na campanha editorial de intercâmbio de livros e revistas doutrinárias e culturais que espelham o grau de cultura e desenvolvimento dos dois países. Do lado português, os movimentos culturais da Renascença Portuguesa, do Integralismo Lusitano, dos grupos em torno das revistas *Seara Nova*, *Orpheu* e *Presença* aderem à corrente de mudança que procura através da aproximação luso-brasileira estabelecer contacto com seus congêneres brasileiros. Aproximação que se verifica através do intercâmbio de revistas e livros, de ideias e projetos e de troca de correspondência entre a elite de interlocutores luso-brasileiros, onde se expressa, com maior veemência, o sentimento e a ideia que a enforma.

### 1. António Sardinha – mestre do Integralismo Lusitano

Figura 1 António Sardinha.



Nascido em Monforte do Alentejo, em 1887, António de Sousa Sardinha foi, durante a sua formação académica na Universidade de Coimbra, um republicano convicto. No entanto, após a implantação da Primeira República, desiludido com o rumo político e social do país, adere à causa monárquica, tornando-se mentor do movimento político, cultural e estético do Integralismo Lusitano (1914). É nas páginas das revistas *Nação Portuguesa* (1914-1938) e *A Monarquia* (1919-1924), que Sardinha começa, por volta de 1914, a delinear um sistema político baseado na monarquia católica, tradicionalista e antiparlamentar, assente no

antisemitismo e na raça para afirmar a identidade nacional, na linha de Charles Mauras, Maurice Barrès e Gustave Le Bon.

Em 1915, o grupo integralista de António Sardinha, constituído por Pequito Rebelo, Rolão Preto, Luís de Almeida Braga e Hipólito Raposo organizam as chamadas Conferências da Liga Naval, que representam uma afirmação da doutrina integralista em reação às pretensões ibéricas dos republicanos para unificar Portugal e Espanha num sistema federalista (Sardinha, 1916). No seu ensaio intitulado "O Território e a Raça", Sardinha sublinha a origem étnica nacional, a tradição "municipalista" e as irrefutáveis diferenças entre Portugal e a Espanha, que justificam a soberania lusitana.

No entanto, entre 1919 e 1921, após o seu envolvimento nas tentativas armadas de restabelecimento da monarquia, Sardinha vê-se forçado a exilar-se em Espanha, o que representa um ponto de viragem determinante na sua filosofia política, abandonando "preconceitos" hispanóforos e iniciando um diálogo frutífero com "intelectuais espanhóis conservadores" que o levam à formulação de sua teoria hispanista (SARDINHA, 1943, pp.3-4). Apesar de reconhecer a individualidade cultural e a autonomia política portuguesa e espanhola, a aliança peninsular traduz um compromisso entre os dois países ibéricos, alargado aos países da América Latina, Ásia e África, para recuperar a missão ecumênica da Península no mundo. A aproximação ao Brasil torna-se, neste contexto, vital dada a necessidade premente em dilatar a doutrina integralista no continente sul-americano, cumprindo-se desse modo, a afirmação messiânica da pátria. O intercâmbio das revistas culturais que se aproximam pela ideia da tradição terá, como veremos, papel fundamental na vulgarização das ideias contrarrevolucionárias que reemergem nas primeiras décadas do século XX.

## 2. A *Ordem* e a ação de Jackson de Figueiredo

Figura 2 Jackson de Figueiredo.



Na gênese da revista *A Ordem*<sup>1</sup>, emissário de combate político e religioso, está um grupo de intelectuais conservadores, formado, em 1910, que rejeitam a República como sistema político e que, já na década de vinte, sob a liderança do arcebispo do Rio de Janeiro D. Sebastião Leme, amadurecem como movimento contrarrevolucionário, de afirmação tradicionalista e católica. Dirigida por Jackson de Figueiredo e editada pelo Centro D. Vital (1922), a revista de periodicidade mensal nasce, em 1921, como órgão deste movimento, com o propósito de afirmar o primado da ordem sobre o progresso. Congênere nos seus princípios à revista *Nação Portuguesa* há, todavia, diferenças de fundo a registar entre ambas, facto que Jackson de Figueiredo partilha com António Sardinha em correspondência trocada. Apesar da “amizade”, da “afinidade de espírito”, da valorização da missão civilizadora dos portugueses e da convergência política, na defesa da tradição e do catolicismo “na lição do passado, aos pés da Cruz Eterna”, Jackson admite haver divergências quanto à resolução dos “problemas contemporâneos” (carta nº 1, Rio de Janeiro, 10 julho 1923, RELVAS, 1998, pp.133.134), como é o caso do postulado monárquico de Sardinha ou a sua visão do Brasil, que será de imediato corrigida pelo integralista em “A lição do Brasil”, ensaio já moldado pelas advertências de Jackson de Figueiredo (carta nº 3, Rio de Janeiro, 3 abril 1924, RELVAS, 1998, p.138).

Comprometido numa “luta quase diária” (carta nº 2, Rio de Janeiro 29 setembro 1923, RELVAS, 1998, p.136) com o problema nacional, o diretor de *A Ordem* refere-se ao sentimento lusófono dominante no Brasil, que as campanhas de João do Rio, de Júlio Dantas e de Alberto Forjas Sampaio em prol de uma confederação luso-brasileira, não ajudam a amenizar. Confessando-se um “amigo leal da cultura portuguesa” reconhece, contudo, que o único sentimento de ligação a Portugal reside na herança civilizacional cristã pois só a cultura cristã poderá assegurar as relações luso-brasileiras, com separação política, do respeito pela autonomia que, garante, vem sendo defendida há mais de um século (carta nº 1, Rio de Janeiro, 10 julho 1923, RELVAS, 1998, p.135). De facto,

---

<sup>1</sup> Revista católica de periodicidade mensal fundada no Rio de Janeiro em 1921 sob a direção de Jackson de Figueiredo e extinta em 1990.

verifica-se no Brasil o recrudescer do tomismo, tão florescente naquele país como em Portugal, sobretudo a partir da década de trinta, como expressão do próprio tradicionalismo, como defende António Paim (1991, p.152).

Jackson de Figueiredo aprova e segue o ideário da *Nação Portuguesa*, revista que recebe periodicamente, e empenha-se para que, tanto a revista *A Ordem* como os estudos que edita, cheguem às mãos do integralista português como o opúsculo *Do Nacionalismo na Hora presente*. Em contrapartida, constatando o débil conhecimento do pensamento português no Brasil, o ideólogo brasileiro insiste, junto de Sardinha, no envio de mais livros de poesia e de doutrina política, considerando que o integralista possui um “sistema de ideias” mais definidas do que Fidelino de Figueiredo e que são do interesse da juventude brasileira (carta nº 3, Rio de Janeiro, 3 abril 1924, RELVAS, 1998, p.138). Do mesmo modo, Jackson dá a conhecer autores brasileiros como Xavier Marques, membro da Sociedade Brasileira de Letras, a quem elege como primeiro escritor brasileiro ou o político Félix Pacheco, de quem envia um discurso, notando que teria gosto em aproximar os dois ideólogos políticos (carta nº 4, Rio de Janeiro 24 junho 1924, RELVAS, 1998, p. 140).

Após a morte de António Sardinha, em janeiro de 1925, as revistas brasileiras que com a *Nação Portuguesa* estabeleceram intercâmbio, continuarão, nos anos subsequentes, a consagrar ao mestre do Integralismo Lusitano as mais elogiosas páginas. No número de *A Ordem*, dedicado a Jackson de Figueiredo (1891-1929), Hamilton Nogueira compara o mentor desta revista a Chesterton e a António Sardinha, dada a paradoxalidade das suas ideias face à decadência do pensamento contemporâneo (NOGUEIRA, 1929, p.241) que se pretende combater através do catolicismo e da filosofia tomista. Esta linha de pensamento conservadora é veiculada no livro de ensaios *Reação do Bom Senso* (1921-22), que Nogueira recorda, considerando o seu autor “o mais completo pensador político que o Brasil possuiu até hoje” (NOGUEIRA, 1929, p.242). Note-se que Jackson de Figueiredo faz referência, nesse seu livro, às ideias tecidas pelos integralistas portugueses sobre a classe operária, apontando os efeitos nefastos que a Revolução Francesa sobre ela teria tido<sup>2</sup>, agora convertida em classe consciente,

---

<sup>2</sup> Citamos, aqui, o trecho referente às ideias integralistas, referidas por Jackson de Figueiredo: “Até na “Cartilha do Operario”, editada pelo Integralismo lusitano (e em parte nenhuma mais que em Portugal o operário tem sido victma dos idéaes revolucionaios), já encontramos palavras como estas: “Para aquellas pessoas que se deixam guiar na vida pelas idéas alheias, evitando o trabalho de pensar, a Revolução

sindicalizada e reivindicativa. Nogueira aponta, de igual modo, as afinidades entre a ação política do Centro D. Vital, na esteira de Joseph de Maistre, e o Integralismo português, considerando que “a ordem sobrenatural era o fundamento de toda a sua doutrinação política” (NOGUEIRA, 1929, p.248). Neste mesmo número de homenagem, Cláudio Ganns recorda, no seu artigo “O Jornalista”, as influências literárias e doutrinárias determinantes na primeira e na segunda fases da vida intelectual de Jackson de Figueiredo, colhidas de Mário de Alencar, Xavier Marques ou Farias de Brito, para, por fim, aludir à figura intelectual de António Sardinha “o apóstolo do Integralismo Lusitano – seu émulo intelectual e seu companheiro no destino interrompido” (GANNS, 1929, p.284).

Dirigida, após a morte de Jackson de Figueiredo, por Tristão de Athayde e Perillo Gomes, a revista afirma-se como “a mais bem organizada das nossas revistas de pensamento” (REDAÇÃO, 1929, p.412), procurando seguir a mesma linha doutrinária que o mestre tinha criado nos planos intelectual e moral. A publicação prossegue, nesse sentido, com a recensão de livros afetos à doutrina conservadora como é o caso do ensaio intitulado “Acção Catholica - A Personalidade Humana e a Liberdade” de Sebastião Pagano. A propósito das ideias perfilhadas por este autor, a revista medita sobre a importância civilizacional do catolicismo, defendido pelo jornalista monárquico fundador, em 1928, da Ação Patrionovista Brasileira, com ligações ao Centro D. Vital, fazendo referência ao Prefácio do livro *Memória da História e Teoria das Cortes Gerais do 2º Visconde de Santarém* (1925) de António Sardinha (REDAÇÃO; 1929, p.198).

Por seu lado, *A Nação Portuguesa*, que passa a ser dirigida por Manuel Múrias, nos anos que se seguem à morte de Sardinha, continua a ser enviada para o Brasil, acusando *A Ordem* a sua receção e fazendo menção à obra do mentor do integralismo e à relação de amizade com Jackson de Figueiredo:

“*A Nação Portuguesa* conta nesta casa as mais velhas e sinceras amizades. Aqui abriu-lhe os braços o nosso saudoso e primeiro diretor, Jackson de Figueiredo; e a todos

---

Francesa representa ainda hoje um grande avanço na senda do progresso moral, material e político dos povos. Facilmente demonstraríamos como, pelo contrario, ella representa antes um retrocesso nesses trez pontos, se a nossa acção neste trabalho não se restringisse apenas à sua acção deleteia no aspecto econômico, começando por afirmar que a causa principal do descalabro econômico em que vegetamos foi a Revolução, e que só com o regresso ao sindicalismo orgânico a questão social se solucionará.” (Pag. 14)”. (FIGUEIREDO, 1922, pp.22-23).

nós, neste texto, ensinou ele a conhecer e a admirar a obra que se impôs a formosa revista lusitana, e a conhecer e admirar os combatentes a que ela servia de bandeira” (REDAÇÃO, 1929, p.411).

### 3. A América Brasileira e a reinvenção do Brasil como potência mundial

Figura 3 Elysio de Carvalho.



Com atividade literária, entre 1921 e 1924, a *América Brasileira*. *Resenha da Actividade Nacional* apresenta, como eixo central, o debate quer das tendências artísticas brasileiras, entre o tradicionalismo e o modernismo, quer das doutrinas políticas afetas ao nacionalismo conservador e antiliberal. Aberta ao pensamento internacional, a revista estará atenta às correntes europeias em convergência com o seu posicionamento doutrinário, como é o caso da *Action Française* e do Integralismo Lusitano. Apesar da não conformidade com o regime monárquico perfilhado pelo Integralismo, o interesse da *América Brasileira* pelo movimento português estende-se aos domínios doutrinário, cultural e estético, uma vez que, se interessa aos ideólogos da revista brasileira um diálogo convergente com um grupo congêneres, essa afinidade passa pela referência à cultura portuguesa expressa na sua arte e, em concreto, na poesia de António Sardinha e de Afonso Lopes Vieira.

Concebida nos seus princípios por Lima Barreto e Elysio de Carvalho que, durante a sua breve existência, será o seu diretor, *América Brasileira* destaca-se pela heterogeneidade de colaborações que se reflete, segundo Felipe Cazetta, na permanente “tensão entre o conservadorismo e o modernismo” (CAZETTA, 2014, p.1), como é o caso de conservadores próximos do Centro D. Vital e do Instituto Varnhagen, como o historiador Rocha Pombo, o sociólogo Oliveira Vianna e o crítico literário e pensador Tristão de Athayde (pseudónimo de Alceu Amoroso Lima), que teria estabelecido contacto em França com o grupo de Charles Maurras (CAZETTA, 2014, p.4), mas também de modernistas como Sérgio Buarque de Holanda, Graça Aranha ou o poeta e crítico Ronald de Carvalho, próximo de Fernando Pessoa, colaborador da revista *Orpheu* e admirador da poesia de António Sardinha (RELVAS, 1998, p.132). Este poeta e político

brasileiro toma contacto, por volta de 1923, com a poesia de Sardinha, nomeadamente *A Epopeia da Planície*, *Quando as nascentes Despertam* e *Na Côrte da Saudade*, que considera um “punhado rescendente da terra portuguesa” e, em correspondência trocada com António Sardinha, dá conta das suas impressões:

“Há, em sua poesia, o que se pode chamar o genio da gleba, aquele sentimento profundo e numeroso das coisas humildes geradoras dos santos, dos poetas e dos herois.

Encanta-me, em verdade, a riqueza da sua imaginação, refreida por uma disciplina tão subtil da inteligencia.//

As formas tradicionais sãem mais elegantes, mais livres e mais engenhosas das suas mãos de artista, que não asprece pelo artifício, a parte de humanidade do nosso coração.

Dou-lhe os meus sinceros parabéns por sua Poesia modelar, digna de emparelhar com a sinceridade e a nobreza da sua alma de velho e intrepido luso”. (carta nº1, Rio de Janeiro, 3-IV-1923, RELVAS, 1998, p.132).

Se António Sardinha experimenta, no seu percurso intelectual, uma mutação ideológica, abandonando o republicanismo da juventude para aderir à monarquia, também Elysio de Carvalho transita da militância anarquista<sup>3</sup> para o conservadorismo. O seu multifacetado e heterogêneo percurso revela-nos um intelectual polémico, criador da Universidade Popular (1904), divulgador de Nietzsche no Brasil, analista da realidade brasileira e defensor da ordem, tendo sido fundador, diretor e professor da escola de Polícia do Rio de Janeiro e especialista em criminologia<sup>4</sup>.

No total de cinco cartas enviadas ao hispanista português, Elysio de Carvalho (1880-1925) manifesta a sua admiração pelo mentor do Integralismo e pelo poeta, com o qual afirma partilhar uma “identidade completa de pensamento”. Na primeira carta, revelando conhecer já a obra de Sardinha, Elysio dirige-se ao poeta português como “ilustre confrade” e envia-lhe os seus mais recentes livros *Brava Gente*, *Bastiões da Nacionalidade* e *Candeia de Argila* para que Sardinha possa conhecer melhor a “diretriz mental” do seu pensamento (carta nº1, Rio de Janeiro, 1 fev. 1923, RELVAS, 1998, p.

---

<sup>3</sup> Veja-se a obra de Moacir Medeiros de Sant’Ana. *Elysio de Carvalho, um militante doo anarquismo*. Arquivo Público de Alagoas. Brasil: Secretaria da Cultura, 1982.

<sup>4</sup> Cf. Lená Medeiros de Menezes, “Elysio de Carvalho: um intelectual controverso e controvertido”. *Intellèctus*, vol. 4, nº2 (2004), pp.1-11.

141-142). São inúmeras as afinidades entre a doutrina integralista e as ideias preconizadas pelo grupo da *América Brasileira*, assente no tradicionalismo, no reconhecimento da matriz cultural portuguesa na formação do Brasil e na vontade de elevar este país da América Latina a potência mundial. Nesta campanha de divulgação da obra de Sardinha no Brasil, Elysio de Carvalho publica na *América Brasileira* um ensaio intitulado “O Génio Peninsular”, alusivo ao estudo homónimo de Sardinha, editado no mesmo número:

“O seu *integralismo lusitano*, doutrina política, literária e estética com fundamentos na história, no desenvolvimento étnico e na idealidade do povo português, é movimento que possui todos os atributos para ser triunfante, com a maior satisfação, verifico que muito se apresenta com as ideias e os princípios que inspiram *América Brasileira*, cujo programa nacionalista insiste em ligar o culto dos nossos antepassados // à energia dos contemporâneos, em fortalecer a permanência histórica e sagrada, em guardar esta consciência serena e imprescritível que faz do antigo e do Brasil dos nossos dias um todo indissolúvel, geográfico e moralmente, em preparar o advento da América Brasileira como potência mundial. Há identidade completa de pensamento” (carta nº1, Rio de Janeiro, 1 fev. 1923, RELVAS, 1998, p.142).

Apesar da “postura lusofóbica” (CAZETTA, 2014, p.8) inicialmente tomada por Elysio de Carvalho, notória sobretudo nos artigos publicados sob o pseudónimo de Sargento Albuquerque e das convicções antimonárquicas que partilha com António Sardinha, Elysio assume, de modo muito pessoal, o apego à cultura portuguesa, que, afirma: “prezo por vínculos eternos e sagrados” (carta nº1, Rio de Janeiro, 1 fevereiro 1923, RELVAS, 1998, p. 141).

A revista brasileira conta com dois colaboradores portugueses. Agostinho de Campos e Carlos Lobo de Oliveira. O primeiro, no seu ensaio “O Pensamento e a Expressão na Literatura Nacional”, alude a António Sardinha, posicionando-o ao lado dos grandes nomes da cultura europeia a que faz referência, atacando a poética do simbolista Eugénio de Castro e a “filosofia literária” do pensador da Renascença Portuguesa Leonardo Coimbra. O segundo, poeta simbolista, saudosista e modernista, autor do livro *Roteiro das Saudades* (1925), edita o texto “António Sardinha, Poeta do Lusitanismo”, dando conta do percurso poético do integralista, anunciando uma renovação das letras portuguesas. Do seu ciclo de amigos contam-se Fernando Pessoa, o compositor Villa-

Lobos, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Hollada e o escritor argentino Jorge Luís Borges.

Estes ensaios de propagação da obra de Sardinha têm, segundo Elysio, o objetivo de “prestar pública homenagem a um dos mais brilhantes e íntegros espíritos de Portugal de agora” (carta nº1, Rio de Janeiro, 1 fevereiro 1923, RELVAS, 1998, pp. 141-142). Elysio participa, ainda, a Sardinha a criação do Instituto Varnhagen<sup>5</sup>, sociedade de estudos brasileiros, para o qual conta com o seu “apoio e simpatia” e envia os respetivos estatutos para conhecimento. Através desta rede de contactos, António Sardinha, sem nunca se ter deslocado ao Brasil, inteira-se da dinâmica cultural realizada do outro lado do Atlântico.

Mas nem só o Sardinha poeta e doutrinador interessam a Elysio de Carvalho, também os estudos de cultura do integralista português são valorizados e difundidos na revista brasileira com o intuito de “divulgar o seu pensamento, e continuará assim procedendo, siente de estar prestando relevante serviço à cultura brasileira” (carta nº3, Rio de Janeiro, 1 de abril e 1924, RELVAS, 1998, pp.143-144). Tal é o caso do ensaio “Amadis”, publicado na *Nação Portuguesa* e que o diretor da *América Brasileira* irá transcrever para a sua revista no número de fevereiro, de 1924, com uma nota introdutória que apresenta o estudo e o seu autor nos moldes seguintes:

”A propósito do «Romance de Amadis» recriado pela fulgurante inteligência do admirável poeta que é Afonso Lopes Vieira, escreveu António Sardinha para explicar o sentido estético e histórico do célebre poema, o ensaio que adiante estampamos transcrito da «Nação Portuguesa» e que com ser brilhante documento de uma alta e opulenta cultura literária, muito honra à erudição lusitana” (CARVALHO, 1924, pp. 42-46).

Já em carta dirigida a Sardinha, Elysio refere-se à publicação deste estudo, realçando o eruditismo e o valor da sua obra que supera a de autores consagrados como Menéndez Pidal:

“O seu ensaio sobre o *Amadis* é trabalho que honraria as letras eruditas de qualquer país europeu onde esses estudos se praticam com superioridade. Na Espanha actual, por exemplo, não vejo ninguém que podesse se colocar em plano acima do seu. E,

---

<sup>5</sup> Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), historiador, militar e diplomata, autor da *História Geral do Brasil*, e, por esse motivo visto como o construtor da narrativa nacional, é a personalidade inspiradora deste Instituto criado em 1922.

assim, dizendo, não esqueço Menendez Pidal” (carta nº3, Rio de Janeiro, 1 de Abril e 1924, RELVAS, 1998, p. 144).

De igual modo, a receção e recensão de revistas e jornais ocupa um espaço próprio na *América Brasileira*, na seção de “Revisas e Jornais”, sendo por diversas vezes referida a exemplaridade da *Nação Portuguesa*, como revista de doutrina e cultura: “Dirigida por António Sardinha, esta revista de cultura nacionalista é superiormente dirigida e orientada. Todos os meses insere estudos, ensaios e artigos que se recomendam pela seleção cuidada de temas, pela sua elevação ideológica e pela sua moderna orientação filosófica” (CARVALHO, 1923, p.81). Noutro número, reafirma-se o valor da revista portuguesa: “sempre interessante esta revista de cultura nacionalista que dirige António Sardinha, umas das publicações mais inteligentemente dirigidas de Portugal” (CARVALHO, 1923, p.94).

Em carta, datada de 1 de abril de 1924, Elysio de Carvalho dá conta das impressões sobre o número da *Nação Portuguesa* dedicado ao Brasil (nº11, 1923) e, em especial, o ensaio “A lição do Brasil” que será publicado na íntegra também na *América Brasileira*<sup>6</sup>. Neste texto de vulgarização contrarrevolucionária, Sardinha afirma o seu nacionalismo orgânico, anti-individualista e antidemocrático, o apego à Igreja “como unidade espiritual da Nação” e à monarquia “que a mantivera e consolidara” (SARDINHA, 1924, p.106) para reiterar a importância do Brasil como modelo enquanto emblema das qualidades herdadas da nação que o descobriu e fundou. Na esteira do ideário propagado pela *América Brasileira*, Sardinha confia nas potencialidades das terras de Vera Cruz “nas vésperas de se afirmar como potência mundial” (SARDINHA, 1924, p.106). No artigo “Uma homenagem ao Brasil”, alusivo ao número da *Nação Portuguesa* dedicado aquele país irmão, Elysio de Carvalho apresenta Sardinha como colaborador da *América Brasileira* e regozija-se pela homenagem que esta edição portuguesa representa e que “muito nos sensibiliza a nós brasileiros, que amamos Portugal e reconhecemos sua gloriosa ascendência” (CARVALHO, 1924, p.125).

Apesar da divergência de pensamento, no que toca à doutrina política, revelando-se Elysio de Carvalho mais radicalizado nas suas convicções, que o aproximam dos regimes totalitários emergentes nessa época, sobrepõe-se a convergência de pensamento

---

<sup>6</sup> “A Lição do Brasil: A Jackson de Figueiredo”. *Nação Portuguesa*. Revista de Cultura Nacionalista, Lisboa, 2 série, 2 vol, 1922-1923, p. 546. e *América Brasileira*. Resenha da vida Nacional, Rio de Janeiro, Ano 3, N. 28, Abril de 1924, p.106.

e a necessidade de união entre os dois movimentos doutrinários para o sucesso da causa que advogam:

“Li com o carinho que me inspira tudo quanto lhe diz respeito à sua mente o numero da *Nação Portuguesa* dedicado ao Brasil. *A Lição do Brasil* é de mestre. A questão que se propõe tratar foi posta nos verdadeiros termos, e resolvida com clarividencia, com superioridade. Ha mister assignalar apenas o excesso de *sympathia* transformando um humilde cavaqueiro das letras ou da historia em pensador de alta visão. Deslocada // a categoria do escriba, cuja obra tem apenas como titulo de recommendação a generosidade dos mestres, ser inspirada pelo mais são pacotismo, o resto está quase certo. Digo *quasi*, porque, meu caro Sardinha, tenho as minhas duvidas àcerca da superioridade da *philosophia* que lhe serve de guia e a que o seu admiravel talento empresta tanto fulgor. A única diferença que exista talvez: é Você catholico, monarchista e nacionalista, enquanto eu, imperialista e nacionalista, sou profundamente pagão, *amoralista*, e o meu aristocratismo tem fundamentos no cesarismo, na *tyrannia*. Não quero, porem, desdobrar esta carta em artigo, discutindo pontos de doutrina que exigiriam muito espaço e reflexão para serem esclarecidos. O que sei é que a *somma* de affinidades que existe entre nós é bastante // para evitar qualquer separação. Vivemos do mesmo ideal, e semelhante é a nossa obra, e já agora não podemos prescindir um do outro para a realização do sonho que nos alimenta, nos illumina, nos *consomme*” (carta nº 3, 1 abril 1924, RELVAS, 1998, p.143).

Apesar de se anunciar, logo no início do ano de 1924, a Renato de Almeida como novo diretor da revista, que até aí tinha desempenhado funções como redator chefe, alegadamente devido ao “esgotamento” de Elysio de Carvalho, o certo é que a correspondência trocada com António Sardinha deixa transparecer uma vitalidade nas ideias e nos projetos que só a partir de julho começam a escassear devido a uma bronquite que o torna numa “esterilidade completa”, como o próprio confia a António Sardinha (carta nº 4, Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1924, RELVAS; 1998, p.144). Contudo, a correspondência manter-se-á até 25 de novembro, quando Elysio de Carvalho anuncia que irá, no ano seguinte, viajar à Europa por motivos de saúde, aproveitando para passar por Portugal e visitar os seus amigos integralistas. Facto que não chega a contecer, devido à morte de Sardinha em Janeiro desse ano, que será também para Elysio o seu último ano de vida.

#### 4. *Diário de Pernambuco* e a campanha de Gilberto Freire



Figura 4 Gilberto Freyre.

O *Diário de Pernambuco*, o mais antigo jornal da América Latina, foi fundado no Recife, em 1825. Dirigido, na década de vinte, por Carlos Lyra Filho, congrega colaboradores assíduos e dinamizadores de ideias e defensor da vida regional e nacional, como Gilberto Freire e Odilon Nestor, que divulgam nas suas páginas o pensamento integralista e a obra poética de António Sardinha. Logo, em 1920, quando a distribuição da *Nação Portuguesa* começa a ter impacto, Gilberto Freyre revela já conhecer o pensamento de Sardinha, quando na rubrica “Notícias de Portugal”, tomando a notícia em segunda mão da imprensa portuguesa, dá conta de que Sardinha terá reconhecido a República Portuguesa: ”os jornais informam que o chefe monárquico Sr. António Sardinha, integralista, recentemente exilado na Hespanha, esteve recentemente na legação portuguesa de Madrid, onde declarou que renunciava às suas ligações partidárias e que reconhecia a República” (FREYRE, 1920, p.1). Nos anos seguintes, o autor do *Manifesto Regionalista* continuará atento à ação de Sardinha. No ensaio “Um escritor português”, o sociólogo brasileiro enaltece as qualidades do integralista como doutrinador, líder do movimento, diretor da revista *Nação Portuguesa* e poeta (FREYRE, 1923b, p.1). Presta, ainda, especial atenção ao número da *Nação Portuguesa* dedicado ao Brasil, (FREYRE, 1924, p.1) e publica uma resenha sobre o livro *Ao Princípio era o Verbo* (FREYRE, 1924b, p.3).

A obra poética de Sardinha será, igualmente, notada no *Diário de Pernambuco*, espelhando a extensa propagação dos seus livros em verso. Enquanto Gilberto Freyre dedica uma curta resenha a *Chuva da Tarde* (FREYRE, AB, nº21, 1923, p.270), Odilon Nestor (1874-1968), poeta, ensaísta, publicista e professor de Direito, num discurso intitulado “As árvores na poesia”, que a revista transcreve, cita longos trechos do poema “A Azinheira” de António Sardinha como exemplo de amor à terra e respeito pela árvore (NESTOR 1924, pp.4-5).

Igualmente atento à atividade de Sardinha, o sociólogo Gilberto Freyre faz referência ao banquete realizado em Lisboa em homenagem ao mentor do integralismo,

enumerando as figuras presentes e retendo passagens do seu discurso, como o trecho seguinte: “sem a angústia metafísica de Antero, sem a tragédia de Oliveira Martins, sem o suicídio de Mouzinho, sem o purgatório de Fialho e sem a conversão de Ramalho Ortigão nós nunca teríamos sido possíveis” (FREYRE, 1925, p.1).

Os números seguintes do *Diário de Pernambuco*, saídos durante o ano de 1925, reportam-se à morte de Sardinha, fazendo notar o sociólogo que “era uma das figuras de mais realce da vida mental portuguesa e no Brasil contava extensas e radicadas sympathias” (FREYRE, 30 janeiro 1925c, p.1). Durante este ano, vários são os ensaios publicados sobre os mais diversos temas em que o nome de Sardinha surge associado. No artigo “Oliveira Lima no estrangeiro” Gilberto Freyre, amigo dileto de Oliveira Lima (1867-1928), refere a proximidade entre o historiador, diplomata e publicista, autor da obra de vulto “Dom João VI no Brasil” e o pensamento de António Sardinha, notando o relevo que o monárquico português tinha dado à obra de Oliveira Lima no número da *Nação Portuguesa* dedicado ao Brasil.

Mas, para além do alargamento da rede de sociabilidade que se cria em torno das revistas literárias luso-brasileiras, que colocam Sardinha como uma referência no meio culto brasileiro e, por outro lado, atestam o seu vasto conhecimento sobre o Brasil mental do seu tempo, a sua obra é objeto de discussão no que respeita à sua ascendência sobre os jovens nacionalistas brasileiros. Assim sucede quando José Lins do Rego, num artigo publicado em *Era Nova* (Paraíba), refuta a suposta filiação dos conservadores brasileiros no movimento de Charles Maurras, situando-o mais próximo do Integralismo português, facto que é corroborado por Gilberto Freyre que afirma que a referência brasileira da contrarrevolução está antes presente nos mestres portugueses: “A aproximação dos adolescentes brasileiros que já não creem na perfeição da Democracia – deve ser antes com o movimento reacionário português, ou hispânico, que com o francês. Tem razão o Sr. José Lins em falar de António Sardinha e do Sr. Fidelino de Figueiredo como melhores mestres para a mocidade do Brasil” (FREYRE, 1925d, p.3). De facto, Fidelino Figueiredo (1888-1967), amigo e confrade doutrinário de Sardinha, com quem estabelece frutuosa correspondência, partilha do ideário hispanista do mestre integralista e Freyre recordará em diferentes momentos essa filiação apontando Fidelino como discípulo de Menéndez y Pelayo e seguidor em Portugal e no Brasil do seu “critério hispânico” (Freyre, 1926, p.1). Além de Sardinha e Fidelino, Freyre recomenda aos jovens a leitura de Menéndez y

Pelayo, Gama e Castro, Ángel Ganivet e T. Lúcio de Azevedo. Deste modo, Freyre aconselha a leitura d’*A Aliança Peninsular* e apela a um editor que envie para o Brasil o livro de referência do hispanismo de Sardinha, para além de *O Novo Príncipe* de Gama e Castro, *Cultura Peninsular* de Manuel Múrias e *Pensamento Integralista* (1923) de Fernão da Vide. Noutro ensaio, publicado no ano seguinte, o sociólogo brasileiro que se havia de destacar na década de trinta pelo seu luso-tropicalismo, continua a defender o hispanismo e recorda o “saudoso amigo” António Sardinha, estabelecendo oposição entre o progresso norte-americano e o sentido de civilização dos povos hispânicos “almas inquietas de Dons Quixotes” (FREYRE, 1926, p.1). Defendendo, mais tarde, uma comunidade luso-brasileira onde sobressaem as línguas e as culturas da Península como traço de união entre os povos hispânicos, Gilberto Freyre partilha, em carta enviada já no final do ano 1924, as suas impressões sobre o ideário aliancista do mestre português:

“Páginas fortes e agudas, nas quais muito me clarifiquei sobre o assumpto que há anos me apaixonava. De facto - minha primeira educação nos estados Unidos, fizera de mim um hispanista. No seu livro encontrei o máximo de classificação. É um livro fecundante. É um Fortúnio livro.” (carta nº2, RELVAS, 1998, p.140-141).

Freyre adere, conseqüentemente, ao movimento de ideias defensor do hispanismo que, de modo similar, é traduzido n’*A Aliança Peninsular*, quando o mestre do integralismo afirma: “os nossos nacionalismos, - o nacionalismo de brasileiros, o nacionalismo de portugueses completam-se pelo Hispanismo, fortificado pela inexgotável seiva católica” (SARDINHA, 1927, p.185).

## 5. A receção da *Nação Portuguesa* nas décadas de 30 a 50.



Figura 5 Plínio Salgado ao centro, à sua direita Alberto de Monsaraz, Hipólito Raposo e à sua esquerda, José Pequito Rebelo e Luis de Almeida Braga.

O alcance da *Nação Portuguesa* no Brasil, enquanto órgão do Integralismo Lusitano, supera em larga medida, as restantes revistas portuguesas que naquele país procuram a internacionalização e o intercâmbio, convertendo-se numa revista de referência para a intelectualidade conservadora brasileira. A sua doutrina passa a ser discutida nos centros políticos das principais cidades brasileiras. Plínio Salgado divulga na Sociedade de Estudos Políticos (SEP), fundada em 1932, em São Paulo, criando, pelo Manifesto de Outubro, de 1932, o movimento do Integralismo Brasileiro. Com o seu exílio em Portugal, entre 1939 e 1946, devido a incompatibilidades com o regime de Getúlio Vargas, Plínio Salgado terá nos seus correligionários integralistas portugueses Luís de Almeida Braga, Hipólito Raposo, Pequito Rebelo e Alberto de Monsaraz uma plataforma de apoio que se estenderá a outros movimentos europeus de feição totalitária. Também Arlindo Veiga do Santos (1902-1978), fundador da Ação Imperial Patrianovista Brasileira, cria em 1935, o movimento monárquico Pátria Nova, congregando sobretudo jovens simpatizantes da causa monárquica no Brasil. Já na década de 40, Guilherme Martínez Auler será um dos divulgadores do pensamento do integralista português com o seu livro *António Sardinha* (1943) e uma série de ensaios publicados na *Revista Tradição* (1937), com colaboração de Manuel Múrias e Carlos Malheiro Dias, acompanhando a revivescência da obra do mestre que se fazia sentir também em Portugal e Espanha com as edições de *À Lareira de Castela* (1943), *A Aliança Peninsular* (1930) com Prefácio de Gabriel Maura Gamazo, *La Alianza Peninsular*, de 1930 e 1939 e *La Cuestión Peninsular* (1940), com tradução de Beneyto Pérez e prólogo de Marqués de Lozoya. Outro seguidor do pensamento de Sardinha seria José Pedro Galvão de Sousa (1912-1992), que nas páginas de *A Reconquista* – revista bilingue de cultura (1950-1952), dedica um número a António Sardinha e ao Integralismo.

### **Notas conclusivas**

A receção do pensamento de António Sardinha no Brasil fez-se através da *Nação Portuguesa*, revista de referência, quer para nomes destacados da cultura brasileira, quer para os seus mais jovens e emergentes autores. Como alternativa política ao sistema democrático e à República vigentes, aquém e além-mar, o ideário do Integralismo

Lusitano afigura-se mais próximo do que outros grupos contrarrevolucionários que na Europa procuravam afirmar-se como alternativa política.

Mais do que um órgão de um movimento político, a *Nação Portuguesa* afirmou-se nas terras de Vera Cruz, tanto pelo seu ideário político como pelas suas propostas de renovação cultural, ética e estética, assentes no ressurgimento pátrio e na afirmação das qualidades nacionais, sendo a vertente nacionalista a premissa coincidente com o pensamento de Gilberto Freyre, Jackson de Figueiredo, Oliveira Lima ou Elyσιο de Carvalho.

### **Bibliografia consultada**

CARVALHO, Elyσιο de. Nota introdutória a “Significado do Amadis”. *América Brasileira*, nº 26, 1924, pp.42-46.

\_\_\_\_\_. “O Génio Peninsular”. *América Brasileira*, ano II, nº14 fevereiro 1923a, p.54.

\_\_\_\_\_. “Nação Portuguesa” (novembro 1922). *América Brasileira*, ano II, nº14, fevereiro 1923, p. 81.

\_\_\_\_\_. “Nação Portuguesa” (dez. 1922). *América Brasileira*, ano II, nº15, março 1923, p.94.

\_\_\_\_\_. “Uma homenagem ao Brasil”. *América Brasileira*. Ano III, abril 1924, p.125.

CAZETTA, Felipe. “A Revista América Brasileira e a sua trajetória ao conservadorismo: análise de projetos políticos (1921-1924). *Fênix*. Revista de História e Estudos Culturais, Janeiro-Junho, vol. 11, ano XI, nº1, 2014, pp.1-22.

FIGUEIREDO, Jackson. *Reacção do Bom Senso. Contra o Demagogismo e a Anarchia Militar*. Artigos publicados n’O Jornal”, do Rio de Janeiro 1921-1922. Rio de Janeiro: Edição do Anuário do Brasil, 1922.

FREYRE, Gilberto. ”Noticias de Portugal”. *Diário de Pernambuco*, 5 janeiro 1920, p.1. [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_10&PagFis=33&Pesq=Ant%C3%B3nio%20sardinha](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&PagFis=33&Pesq=Ant%C3%B3nio%20sardinha)

\_\_\_\_\_. “11”. *Diário de Pernambuco*, 1 de julho de 1923a, p.4.

\_\_\_\_\_. “Um escritor português”. *Diário de Pernambuco*, 13 dezembro 1923b, p.1.

\_\_\_\_\_. “Nação Portuguesa”. *Diário de Pernambuco*, 2 de abril 1924a, p.1

\_\_\_\_\_. “Um livro de revisão histórica”. *Diário de Pernambuco*, 18 de dezembro 1924b, p.3.

\_\_\_\_\_. “Homenagem a um escritor”. *Diário de Pernambuco*, 3 de janeiro de 1925a, p.1.

\_\_\_\_\_. “António Sardinha”. *Diário de Pernambuco*, 13 de janeiro de 1925b, p.3.

\_\_\_\_\_. “Vida Portuguesa”. *Diário de Pernambuco*, 30 de janeiro de 1925c, p.1.

\_\_\_\_\_. “Oliveira Lima no estrangeiro”. *Diário de Pernambuco*, 30 de abril de 1925d, p.3.

\_\_\_\_\_. “Sugestões a um livreiro”. *Diário de Pernambuco*, 18 de junho de 1925e, p.3.

\_\_\_\_\_. “Tierra”. *Diário de Pernambuco*, 29 janeiro de 1926, p.1.

GANNES, Cláudio. “O Jornalista”. *A Ordem*, ano VIII –vol. I (Nova Série). Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1929, p.277-285.

NESTOR, Odilon. “As árvores na poesia”. *América Brasileira*, 9 de novembro de 1924, pp.4-5.

NOGUEIRA, Hamilton. “Jackson de Figueiredo - O Pensador Político”. *A Ordem*, ano VIII –vol. I (Nova Série). Rio de Janeiro, Anuário do Brasil 1929, pp.241-251. <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=367729&PagFis=251&Pesq=Ant%C3%B3nio%20Sardinha>

OLIVEIRA, Carlos Lobo. “António Sardinha, Poeta do Lusitanismo”. *América Brasileira*. Ano II, nº14, fevereiro 1923, p.43.

PAIM, António. *A Filosofia Brasileira*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1991.

REDAÇÃO. “Nação Portuguesa”. *A Ordem*. ano VIII, vol. I (Nova Série). Rio de Janeiro, Anuário do Brasil 1929, p.411.

RELVAS, Susana Rocha. As relações culturais de António Sardinha com a Espanha. Pactos de Quinas e de Flores de Lis, entre os “Semeadores de Nacionalidades”. Vol.1. Tese de Mestrado. FCSH Universidade Nova de Lisboa, 1998.

\_\_\_\_\_. Apêndice Documental. Correspondência Espanhol, Brasileira e Hispano-Americana dirigida a António Sardinha. Vol. II. Tese de Mestrado. FCSH Universidade Nova de Lisboa, 1998.

SARAIVA, Arnaldo. *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português*. Subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações. Vila Nova de Gaia: Rocha Artes Gráficas, 1986.

SARDINHA, António. “A lição do Brasil”. *America Brasileira*. Resenha da vida Nacional, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 28, Abril de 1924, p.106.

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=158089&PagFis=839&Pesq=Ant%C3%B3nio%20Sardinha>

\_\_\_\_\_.”O Nacionalismo Brasileiro e o Integralismo Português”. *América Brasileira*, ano II, nº24, dezembro 1923, p.339.

\_\_\_\_\_. “O Génio Peninsular”. *América Brasileira*, ano II, nº14, fevereiro 1923, pp.44-46.

\_\_\_\_\_. “Significado do Amadis”. *América Brasileira*, nº26, fevereiro, pp.42-43.

\_\_\_\_\_. “A lição do Brasil”. *America Brasileira: Resenha da vida Nacional*. Rio de Janeiro, Ano III, N. 28, Abril de 1924, p. 106.

\_\_\_\_\_. “O Brasil e o Hispanismo”. *Nação Portuguesa*, nº9, série IV, tomo II, 1927, p.185.

\_\_\_\_\_. *À Lareira de Castela. Estudos Peninsulares*. V.N. Famalicão, Edições Minerva, 1943.

VIANA, Artur Gaspar. “Através dos jornais e das revistas”. *Nação Portuguesa*, nº11, 3ª série, 1929, p.ccxxxix.

## APENDICE

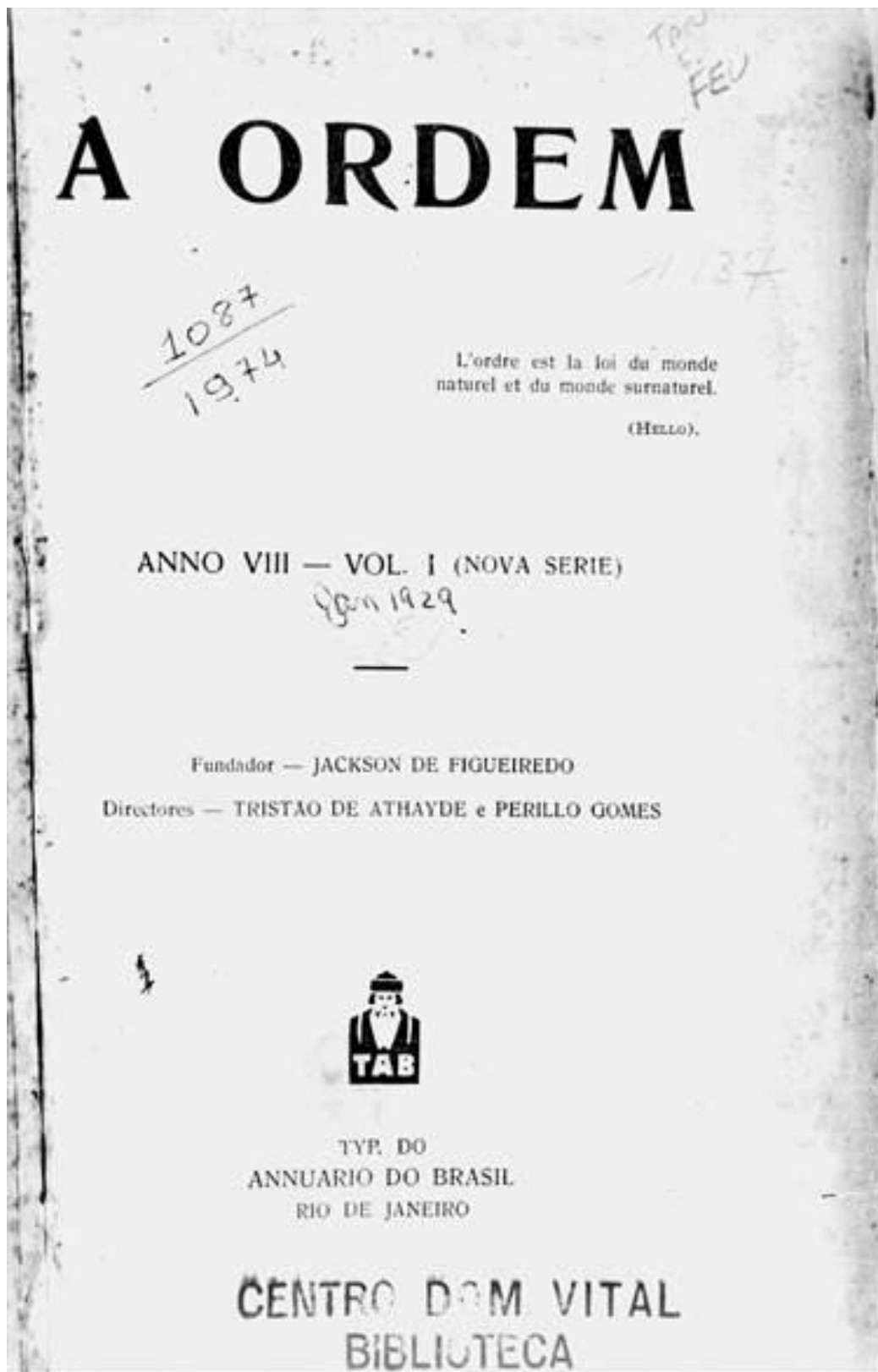


Figura 2 A Ordem, 1929. Biblioteca Nacional Digital.

<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/5625805476605/I0000001-5Alt=000585Lar=000377LargOri=004186AltOri=006496.JPG>

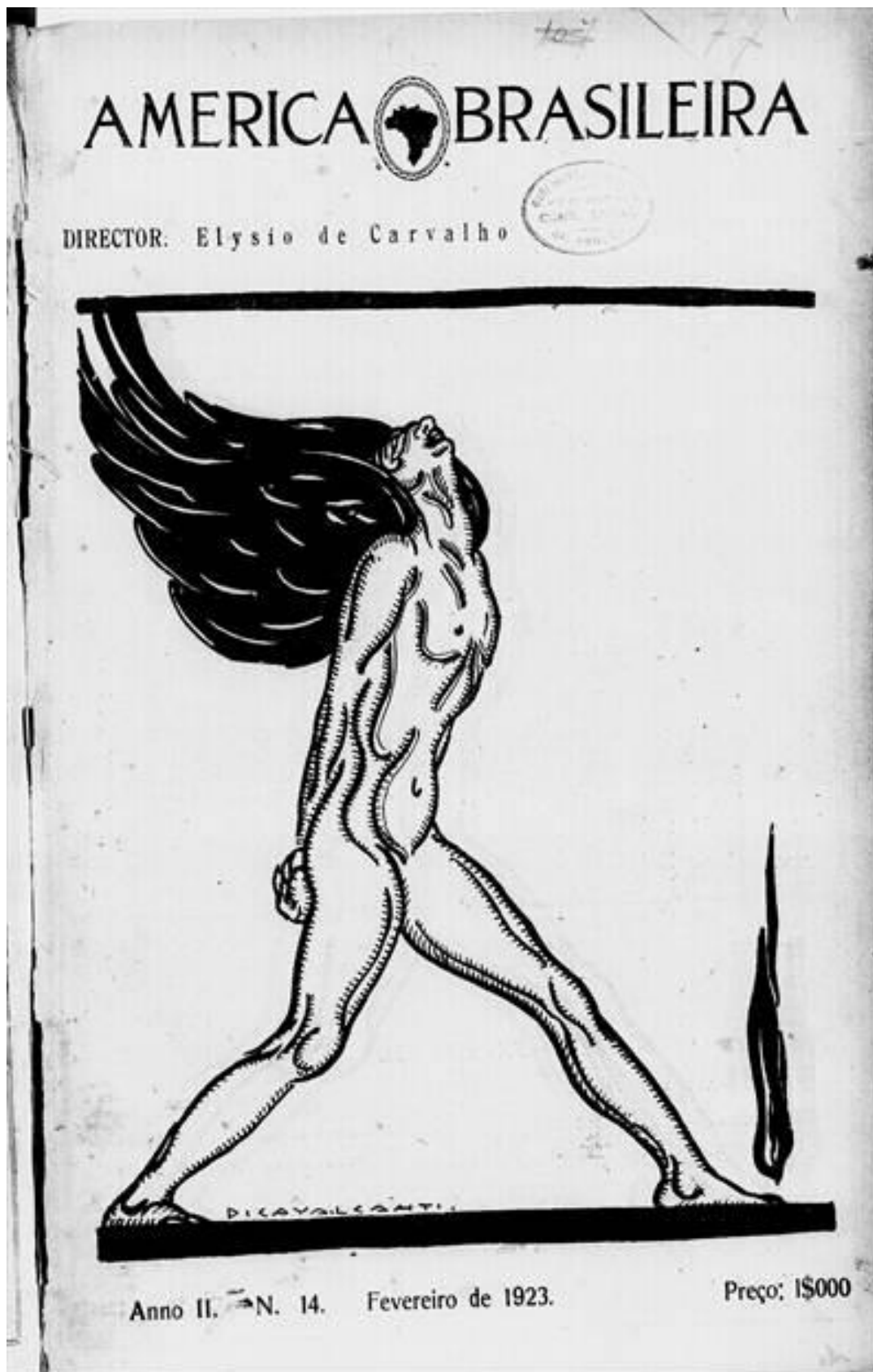


Figura 3 América Brasileira. Ano II, nº14 fevereiro 1923. Biblioteca Nacional Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=158089&PagFis=839&Pesq=Ant%C3%B3nio%20Sardinha>

# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: Elysio de Carvalho



Anno II. N. 18 Junho de 1923.

Preço 1\$00

Figura 4 América Brasileira, ano II, nº18 junho 1923.

<http://www.historiadealagoas.com.br/elysio-de-carvalho-do-anarquismo-para-a-policia.html>

# SIGNIFICADO DO 'AMADIS'

A propósito do "Romance de Amadis", recreado pela fulgurante inteligência do admirável poeta que é Afonso Lopes Vieira, escreveu Antonio Sardinha, para explicar o sentido estético e histórico do celebre poema, o ensaio que adiante estampamos, transcritos da revista "Nação Portuguesa", e que, com ser brilhante documento de uma alta e opulenta cultura literária, muito honra à erudição lusitana.

Quando aquele pobre senhor Alonso Quijano, de lastimosa memória, voltou, derreado e vencido, da sua primeira saída pelo campo, toda a gente sabe da resolução em que acordaram o cura e o barbeiro. Ao tomarem-lhe conta dos livros, entre os applausos da ama e da sobrinha, logo "los quatro de Amadis de Gaula, apareceram nas mãos adestradas de maese Nicolás. O cura, que "era homem douto, graduado em Sigüenza", saudou imediatamente a celebre novela não só como a mais antiga da especie que se imprimira em Espanha, mas sobretudo como mãe e tronco comum de quantas da mesma índole proliferaram ao depois fartamente.

Disponha-se o licenciado para atirar com o Amadis ao suplicio infamante da fogueira. Mas, pronto, o barbeiro acudiu: — "No, señor, que tambien he oido decir que es el mejor de todos los libros que deste genero se han compuesto, y así como a único en su arte se debe perdonar". E o Amadis foi salvo da pena dura do fogo, enquanto que na chama expirava a sua abundante descendencia, — na maioria bastarda e bem indigna dos braços e costela familiar.

De tal maneira, num episódio expressivo, Cervantes presta a homenagem do seu genio a uma novela que marca mais de que um acontecimento ruidoso no dominio das letras, porque marca e fixa um tipo de sensibilidade, de que vive ainda agora a civilização occidental. Falando do Amadis, escrevia o eminente Menéndez y Pelayo: — "Ningún héroe novelasco se ha impuesto á la admiración de las gentes con tanta brillantez y pujanza como se impuso el Amadis á la sociedad del siglo XI". Hay que llegar — continua o autor da Orígenes de la Novela —, á las novelas de Walter Scott para encontrar un éxito semejante, á la vez literario y mundano, para el cual no hubo fronteras en Europa". E a razão está em que a idea de Mulher, — a idea do eterno feminino, transmitida pelo Amadis, revolucionou profundamente os costumes morais e sociais das Côrtes polidas do nosso continente, desde que o velho conto mediévico do Donzel do Mar, acomodado a situações líricas individualisadas por um trovador português, ganhou foros de universalidade, graças á transposição castelhana de Garcí-Ordóñez de Montalvo, regedor de Medina del Campo em tempo dos Reis-Católicos.

Sem dúvida inspirado num motivo de evidente fundo britânico, o Amadis guarda consigo uma personalidade tão inconfundível que conseguiu resistir ao inchaço verbalista de Montalvo e conservar, apesar de tudo, a sua transparente ancestralidade lusitana. Exilado tantos séculos da alma e da linguagem que amavelmente o conceberam, eil-o que regressa enfim do seu desterro por falas estranhas e gorduras eruditas ao seu lar de família, — ao berço esquecido da sua grei. "O arranjo" de Afonso Lopes Vieira, restituindo o Amadis á pura essência do seu espirito — á linha fluente e simples da sua primitiva emoção, é uma altíssima prova de que em Portugal nos preparamos para nos devolvermos com consciencia e devoção á posse dos nossos perdidos morgoados. Naturalmente, — poeta tocado da mais casta inspiração lusitana! —, Afonso Lopes Vieira não se li-

mita no seu nacionalismo meditado ao desfructo tranqullo dos nossos horizontes quotidianos. O seu conceito de Patria projecta-o para além da figuração territorial em que Portugal ordinariamente se exprime, em busca do ponto que indica o consorcio místico da nossa raça com os destinos superiores da Civilização. Ninguém, como Portugal, na verdade, foi o esposo permanente e diligente dessa virgem forte, — tão forte e tão bela como as que no Evangelho se mantem sempre de lampada acesa! Se os Lusíadas são o testemunho irrefutável da nossa vitalidade nacional, nada nos prova tambem com tanta eloquência o carácter universal — o sentido apostólico da nossa História! Mas o que até agora escapou á atenção dos nossos empacotados estudiosos, impossibilitados, por via de regra, de se elevarem a visões de conjunto, atinge-o Afonso Lopes Vieira com o poder apreensivo da sua

une littérature prend place dans l'humanité... Quoi de plus espagnol que Cervantès, de plus anglais que Shakspeare, de plus italien que Dante, de plus français que Voltaire ou Montaigne, que Descartes ou que Pascal, quoi de plus russe que Dostoïevsky; et quoi de plus universellement humain que ceux-là? Tal o que sucede com Amadis. Indubitavelmente que o tema tratado pela admirável novela não pertencia ao patrimonio exclusivo da nossa raça. Mas o que lhe alcançou successo e lhe conferiu asas imortais era incontestavelmente nosso e bem nosso, — era a alta e delicada crepitação lírica, que desde as mais recuadas idades nos acompanhou com uma aureola própria, deixando nas páginas dos Cancioneiros afonsinos magnificamente individualizada a nossa opulenta geneologia sentimental!

Extraviou-se a redacção primitiva do Amadis e em torno desse texto perdido se levanta o problema das suas origens. Há partidos, — ha grupos entre os doutos e especialistas, attribuindo-lhe a paternidade, uns a Portugal, outros a Castela. Poderá ser que o encantado conto existisse em castelhano antes de se verter na doçura da nossa linguagem, — e isto porque o idioma central da Peninsula conheceu mais cedo que o nosso a facilidade da profociação. Existisse, ou não existisse, (recebendo-se entre nós, no segundo caso, directamente dos circulos transpirenaicos, onde as preferencias se davam todas á matéria de Bretonha) não nos devemos preoccupar com semelhante debate. Porque o que constituiu o segredo do éxito do Amadis não reside na sua parte formal. Reside inteiramente no seu trama psiquico, — na melancolia que o repassa, no ideal de vida amorosa que elle inaugura na Kuropa, rompendo com a fatalidade da paixão invencível, simbolizada para sempre no drama de Tristão e Iseu e de que a literatura mediévica, andava repleta, a ponto de se celebrar o amor adúltero com o ardor sacrilego duma religião nova. "Par un déplorable renversement de la morale, — nota Eugene Baret no seu estudo De l'Amadis de Gaulle et de son influence —, nous voyons en effet l'auteur du Lancelot, fidèle sans doute à l'esprit de son siècle, se déclarer en faveur de la reine Geneviève infidèle à son époux, et charger d'inventives ceux qui l'emmènent prisonnière..." E é interessante registar aqui as teses de Ernest Seillière a este propósito, para que a personalidade do Amadis se evidencie melhor e com ela a do povo que na celebre novela depós o selo do seu lirismo revoante.

Ocupa-se Ernest Seillière, no seu magnifico ensaio Les origines romanesques de la Morale et de la Politique romantique, do romance de Cavalaria e de Chrétien de Troyes, — seu introductor. "Nous ne suivrons pas M. Seillière dans son analyse des productions les plus fameuses du genre nouveau inauguré par Chrétien de Troyes, — escreve René Gillouin, critico de Ernest Seillière. "Notons seulement avec lui que la théorie courtoise s'élargit jusqu'à admettre décidément l'adultère comme la forme naturelle et nécessaire du véritable amour..." Estuda-se depois Lancelot, — "Lancelote", á boa moda portuguesa —, sofrendo em presença da sua dama a rainha Geneviève —, D. Genebra, segundo a velha usança —, "une sorte de fascination qui ne le laisse plus maître de sa volonté virile". "L'amour régné en despote dans son éme, — acrescenta Gillouin —, principe des actes les plus valeureux et les plus élevés comme aussi de toutes les capitulations de conscience". De modo que "Lancelot est le prototype du passionné romanesque qui, á dater des œuvres de Chrétien n'a plus cessé d'incarner l'idéal érotique de la race européenne". Quanto a Geneviève, se domina em senhora absoluta a vontade e as inclinações de Lancelot, não engana com menos desembaraço a El-Rei Artur, seu esposo. Recebe o justo castigo da sua traição. E eis que "ceulz de la cité", ao verem-na conduzida em desgraça, — "vieulz et jeune, povres etc riches", rompem numa grande e indignada grita: — "Haa, dame douce, débonnaire, courtoise et vaillant plus que aultre dame ou trouvezrons maie povres gens en terme pitié. Haa, roy Artur, qui as



Antonio Sardinha

aguda penetração poética: — não só pelas Descobertas, não só pela epopeia da Fé e do Império, Portugal se tornou credor do mundo que pensa, — do mundo que cria. Em plena orgia culta da Renascença os amores do Donzel do Mar, "Moysés da Cavalaria", (como incomparavelmente no Paiz lilas se lhe chama) com Oriana, — a sem par, rasgam um sulco que, engrossando cada dia mais, através dos refegos pedantescos do humanismo, vai desaguar nessa tremenda "insurreição feminina", — como Sainte Beuve define o explodir do Romantismo.

Claro que, pelas suas consequências negativas, a ditadura que o nosso lirismo impôs á Europa cortes e erudita, primeiro por intermédio do Amadis, em seguida pelo da Diana, de Jorge de Monte-Mór, não pode equiparar-se á grandezza dos outros aspectos da nossa influência civilisadora. Traduz, porém, com não menor intensidade, a feição expansiva do nosso génio de povo, que, exactamente no pleno desenvolvimento das suas virtudes nacionalistas, achou forma de realizar o mais amplo universalismo. Com exactidão olberga algures André Gide: — "C'est en se nationalisant que

Figura 5 António Sardinha, "O Significado do Amadis". América Brasileira, nº26, fevereiro, pp.42-43.



Figura 10 Diário Pernambucano, Recife, 18 dezembro 1923, p.1. Biblioteca Nacional Digital.  
[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\\_10&pasta=ano%20192&pesq=Ant%C3%B3nio%20Sardinha](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_10&pasta=ano%20192&pesq=Ant%C3%B3nio%20Sardinha)